

Alexandre Magno como retrato do bom *princeps* a partir dos escritos de Plutarco de Queroneia

Alexander the Great as a portrait of de good 'princeps' from the writings of the Plutarch of Chareonea

Henrique Hamester Pause*

Resumo: Alexandre Magno é uma das figuras mais lembradas da história. Figura tão emblemática no seu tempo, transpassou as fronteiras do mundo helênico e permeou o imaginário da elite romana, sendo associado a uma figura militar de liderança, assim como um ser divino e exemplo de governante. Plutarco de Queroneia, autor grego, mas inserido na sociedade romana, dedicou dois de seus inúmeros trabalhos ao macedônio. A partir das obras *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno* e a *Vida de Alexandre*, objetivamos, neste trabalho, mostrar como, através das virtudes, mas também dos vícios do conquistador dos persas, Plutarco busca educar aquele que, segundo ele, deveria ser o exemplo para todos os demais cidadãos e habitantes do Império: o *princeps* romano.

Abstract: Alexander the Great is one of the most remembered figures in history. Such an emblematic figure in his time, he crossed the borders of the Hellenic world and permeated the imagination of the Roman aristocratic elite, being associated with a military figure, of leadership as well as a divine being and example of ruler. Plutarch of Chaeroneia, Greek author, but inserted in the Roman society, dedicated two of his countless works to the Macedonian. Based on the works *On the Fortune or Virtue of Alexander the Great* and the *Life of Alexander*, we seek in this work to show how, through the virtues, but also the addiction of the conqueror of the Persians, Plutarch seeks to educate the one who, according to him, should be the example for all other citizens and inhabitants of the Empire: the Roman *princeps*.

Palavras-chave:

Alexandre Magno.
Bom *princeps*.
Plutarco.

Keywords:

Alexander the Great.
Good *princeps*.
Plutarch.

Recebido em: 14/06/2023
Aprovado em: 02/03/2024

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre pela mesma instituição. Foi bolsista Capes de Pós-Graduação.

Alexandre Magno, ou Alexandre, o Grande, como é mais comumente referido no Brasil, é um personagem que atravessa a história, sendo constantemente lembrado e sendo colocado como uma figura de múltiplos usos e atribuições. Alexandre nasceu em Pela, capital do reino da Macedônia, por volta de 356 a.C., sendo filho de Filipe II, rei da Macedônia, e de Olímpia, princesa de Épiro. O monarca pertenceu, assim, à Casa Argéada, que governou a região da Macedônia de 808 até 309 a.C. O reino da Macedônia, na época, era um “Estado” de descendência dos povos jônios, os mesmos que colonizaram Atenas, localizado nas proximidades da Hélade. Os macedônios, no entanto, eram considerados semibárbaros pelos gregos.¹ Alexandre foi um grande conquistador, expandindo o Império Macedônio tal como o pai havia iniciado com a conquista da Grécia. Alexandre invadiu o Império Persa Aquemênida e quebrou o seu poder em uma série de batalhas. O império construído pelo filho de Felipe II e Olímpia de Épiro se estendeu do mar Adriático ao rio Indo, passando pelo Egito e pela Grécia.

Logo após a sua morte, em 323 a.C., os companheiros de batalha de Alexandre, como Ptolomeu,² Aristóbulo,³ Calístenes⁴ e outros, escreveram obras contando sua expedição e registrando suas glórias. Além disso, o já citado Ptolomeu I, na posição de rei do Egito, se utilizou da imagem de Alexandre para legitimar seu poder no Egito e ampliá-lo como sucessor do rei dos macedônios. Outro exemplo de uso ligado à imagem do macedônio é o chamado Sarcófago de Alexandre, que leva esse nome por conta das representações feitas do conquistador em seus frisos, e não porque comportava o corpo de Alexandre em si. Descoberto em 1887, o sarcófago foi construído entre 320 e 306 a.C. pelo último rei de Sídon, Abdalônimo, colocado no poder pelo próprio Alexandre em 333

¹ A criação do conceito de bárbaro (βάρβαρος - *barbarós*) se deu entre os antigos gregos pela não compreensão das línguas faladas pelos povos da antiga Anatólia, que soavam para eles como o balbuciar de uma criança. Temos essa característica na *Iliada* e na *Odisséia*, obras de Homero. Entretanto, será apenas no século V a.C., na obra de Heródoto, que teremos definida a ideia de bárbaro denotando um sentido de alteridade, ou seja, a figura do *outro* em relação a tudo aquilo que não era grego/helênico em termos políticos e culturais. O estabelecimento dessa ideia de alteridade, no período de Heródoto, foi especialmente importante pelo seu contexto histórico, as Guerras Médicas, em que a autonomia das cidades-Estado gregas esteve ameaçada pela invasão do Império Persa (Hartog, 2004). Todavia, mesmo entre os próprios helênicos, havia aqueles que eram chamados de bárbaros ou semibárbaros por se diferenciarem em algumas características.

² Ptolomeu Sóter (367-283 a.C.) foi um nobre macedônio, ativo participante da expedição de Alexandre e que, após a morte desse último, assumiu as conquistas de Alexandre no que hoje compreendemos como o Egito, estabelecendo a dinastia ptolomaica, ou Lágia. Segundo Mossé (2004, p. 179), teria escrito a obra *História de Alexandre* em Alexandria, durante o seu reinado, e que sabemos algumas partes graças aos relatos de Arriano. Segundo a mesma historiadora, a obra teria um tom militar e apresentaria um Alexandre “realista” e “moderado” (Mossé, 2004, p. 179).

³ Aristóbulo de Cassandrea é uma figura que ainda conhecemos muito pouco, visto a escassez de informações. Teria acompanhado Alexandre em sua expedição e, da mesma forma que Ptolomeu, sabemos de seus escritos sobre o rei macedônio através de Arriano.

⁴ Calístenes de Olinto (c. 360-328 a.C.), foi um historiador grego, sobrinho e discípulo de Aristóteles, professor de Alexandre. Teria sido, em sua carreira como historiador, aquele responsável por registrar, de forma oficial, a campanha de Alexandre contra os Persas.

a.C. (Stewart, 1993, p. 294 *apud* Biazotto, 2016, p. 20). Assim, como podemos perceber, Alexandre se tornou uma figura de legitimação de poder e modelo de conquistador, herói e rei para as monarquias que sucederam ao seu vasto império.

Parte integrante do universo helênico, a figura de Alexandre adentrou também no imaginário e na mentalidade dos romanos, já desde o período republicano. Segundo Ana Bergoña Cardañanos Martínez (2016, p. 510), durante a República romana a imagem de Alexandre estava caracterizada, em especial, pelos aspectos militares, ou seja, “seriam suas conquistas o principal elemento de referência na hora de citar ou representar” Alexandre. Cabe salientar que a República romana não necessariamente via a figura de Alexandre com bons olhos, por se tratar de um “antigo governante de uma região” que não era Roma e, mais ainda, uma figura de “caráter monárquico” (Martínez, 2016, p. 510).

É bem perceptível esta visão quando, a partir das análises de Marilena Vizentini (2007, p. 2), vemos Tito Lívio (*Ab Urbe condita libri*, IX, 19) escrevendo sobre Alexandre ainda no período republicano, demonstrado “um certo medo quanto à preservação da soberania romana frente ao poderio de Alexandre”. Vizentini (2007, p. 2) ainda nos relata a suposta embaixada romana enviada ao Oriente, em meados do século IV a.C., para render honras a Alexandre, que seria mencionada por Clitarco e, posteriormente, por Arriano de Nicomédia.⁵ Por mais que esta última informação tenha pouca veracidade, ela se junta aos demais escritos acima mencionados como “uma construção”, já dentro do imaginário romano, de uma imagem de Alexandre enquanto “um líder respeitado”.

Além do aspecto militar, a figura de Alexandre ainda contava com a religiosidade para se inserir no meio romano. Segundo Martínez (2016, p. 510), Alexandre era visto como um deus advindo de uma província (a Grécia, recentemente conquistada pelos romanos). Em resumo, podemos dizer que Alexandre era associado a duas divindades e um herói semideus: Zeus, Dioniso e Aquiles. Sua ligação com o rei do Olimpo viria de sua linhagem paterna, sendo os reis da Macedônia, portanto seu próprio pai Filipe II, descendentes de Hércules, ou Hércules, filho de Zeus com uma mortal. É também Plutarco (*Vitae Alexander*, II) que nos conta a possibilidade de Olímpia ter sido atingida por um raio na barriga, representando que o verdadeiro pai de Alexandre seria Zeus. Dioniso seria atribuído a ele por parte materna, em que Olímpia era acusada de orgias com o deus (Plut., *Alex.*, III). O herói Aquiles também viria do lado materno, sendo que a família de Olímpia, os Eácidas, que reinavam em Épiro, reclamavam sua descendência da

⁵ Lúcio Flávio Arriano Xenofonte (c. 92-175 d.C.), ou simplesmente Arriano, foi um historiador da Roma antiga. Nasceu em Nicomédia (atual İzmit), capital da província de Bitínia e Ponto. As datas sobre sua vida e morte são incertas e o pouco que sabemos sobre ele é através da vida e das posições que Arriano teria alcançado na hierarquia romana ao longo de sua vida. Entre os demais trabalhos de autoria do nicomédio, o mesmo leva a fama de ser o que melhor relata a campanha e a vida de Alexandre.

deusa Tétis, que, ao se relacionar com o mortal Peleu, teria dado à luz a Aquiles, o melhor dos aqueus (Pause, 2019, p. 125). Unido a essa representação mitológica, Alexandre se converteria em um modelo de referência no mundo romano, em especial aos generais, dando início a um fenômeno denominado *imitatio Alexandri* (Martínez, 2016, p. 510).

A *imitatio Alexandri* se caracteriza pela tentativa de imitação de Alexandre pelos romanos. Inúmeros generais romanos, e até inimigos de Roma, se beneficiaram e fizeram uso da imagem de Alexandre. Como exemplo, Vizentini (2007, p. 3-7) cita Cipião, o Africano, que teria sido o primeiro a proceder a uma verdadeira *imitatio Alexandri*, relatada por Tito Lívio (*Ab Urbe cond.*, XVIII, 39), além de Pompeu, Marco Aurélio e Júlio César. Segundo a mesma historiadora, a partir destes e de outros personagens e elementos (como a iconografia, por exemplo), Alexandre adentra a cidade de Roma a partir de uma visão heroica.

Já durante o Império, em especial no Principado, Martínez (2016, p. 511) observa uma evolução na imagem do macedônio, caracterizada, em especial, pelo aumento de textos em que a imagem de Alexandre é representada. A figura de Alexandre foi, ao longo da história romana, acompanhada de uma visão favorável que emanava do trono imperial (Martínez, 2016, p. 513), visto que, desde Augusto (27 a.C.-14 d.C.) até Alexandre Severo (222-235 d.C.), todos os imperadores romanos irão manter algum tipo de contato com a figura de Alexandre (Vizentini, 2007, p. 7), e também, de uma visão negativa encabeçada, segundo Martínez (2016, p. 513), por uma elite senatorial conservadora que era contrária ao estabelecimento deste novo regime (império) ou das novas práticas entendidas como gregas.

Porém, como acreditamos, essa visão negativa sobre Alexandre não era uma percepção ampla dentro do grupo senatorial, pelo menos não durante o tempo dos escritos de Plutarco, este mesmo que, como relataremos a seguir, mantinha amplo contato com senadores, sendo esses últimos muitas vezes próximos ao trono imperial e ao *princeps* e, como pretendemos mostrar, colocava (talvez por ser grego) Alexandre como um exemplo de conduta e de governo aos líderes romanos.

Lucius Mestrius Ploutarchos (em grego: Λούκιος Μέστριος Πλούταρχος) ou, simplesmente Plutarco, como é comumente chamado e reconhecido, foi um filósofo e ensaísta grego, cidadão romano e autor de dois trabalhos que usamos como fonte em nossas pesquisas. Plutarco teria nascido na pequena, porém famosa, cidade de Queroneia (em grego: Χαϊρώνεια, em latim: *Chaeronea*), localizada no interior da região da Beócia, na província romana da Acádia. Bem localizada, ficava relativamente perto do santuário de Apolo, em Delfos, e da cidade de Atenas, duas localidades importantes para, mais tarde, compreendermos a trajetória de vida de nosso autor.

Plutarco produziu uma grande lista de textos e ensaios ao longo de sua vida. Família, amizades, casamentos, finanças e relações sociais e políticas são alguns dos temas sobre os quais o autor se debruçou. Contudo, apesar de possuir tamanha produção literária e de escrever sobre a vida de tantos personagens importantes das histórias grega e romana em sua obra mais lida e influente, as *Vidas paralelas*, Plutarco não é referenciado nos escritos de seus contemporâneos (Silva, 2018, p. 148).

Segundo a historiadora Maria Aparecida de Oliveira Silva (2018, p. 148), é através dos próprios escritos de Plutarco que encontramos a maioria das informações disponíveis para o conhecimento acerca de sua vida. Estes, entretanto, estão distribuídos de forma esparsa ao longo de seus ensaios. Sabendo disso, fica fácil afirmar que as datações de vida e morte, assim como das próprias obras de Plutarco, sejam ainda incertas, apesar de alguns consensos historiográficos.

Estima-se que Plutarco tenha nascido em 45 d.C. e morrido em 120 d.C., sendo que a data de morte ainda é discutida, havendo historiadores que colocam como 125 d.C., ou ainda 127 d.C. Segundo Jones (1966, p. 63), a última “notícia”, por assim dizer, de Plutarco é acerca de sua nomeação como procurador da Grécia, conferida por Adriano em 119 d.C., porém essa nomeação é discutível.⁶ O que é certo sobre Plutarco é que ele era originário de uma família da nobreza beócia, bisneto de Nicarco, neto de Lâmprias, filho de Autóbolos e irmão de Timon e Lâmprias (Silva, 2012, p. 3), todos nascidos e criados em Queroneia. Foi na sua cidade natal, portanto, que Plutarco casou com uma mulher chamada Timôxena, com a qual constituiu uma família, tendo tido cinco filhos, dos quais apenas dois chegaram à idade adulta (Beck, 2014, p. 2). E foi ali que, ao longo de toda a sua vida, Plutarco manteve uma residência (Biazotto, 2016, p. 154).

Segundo Mark Beck (2014, p. 6), Plutarco foi ativo politicamente em Queroneia, servindo embaixadores e procônsules, tendo aceitado alguns cargos políticos municipais e ficado com a tarefa de supervisionar construções de obras públicas. Tudo isso é concedente com o esperado para alguém com berço nobre dentro da localidade. Foi em Queroneia, também, que Plutarco começou os seus estudos que o levaram, mais tarde, na tentativa de aprimorá-los, para a cidade de Atenas, onde ele deu os primeiros passos na carreira política para além dos limites de sua cidade natal.

Nosso autor tinha a idade de vinte anos quando, provavelmente por volta de 67 d.C., realizou esta viagem até Atenas. Lá estudou filosofia, retórica, física e demais disciplinas

⁶ Seguindo os trabalhos de Jones (1971), Swain (1990) e Zecchini (2009), o historiador Philip Stander (2014) dá pouca credibilidade à informação de que o imperador Adriano tivesse nomeado Plutarco procurador da Grécia, embora, como salienta Stander (2014, p. 20), “possivelmente isso possa se referir a algum tipo de supervisão não administrativa da província”.

correlatas sob a tutela de Amônio de Lâmprias.⁷ Novamente, é através de suas obras que sabemos de todas essas informações. No ensaio *Do E de Delfos*,⁸ Plutarco registra quem era seu mestre e o que fazia na cidade de Atenas. É através dessa obra que temos acesso à visita do imperador Nero (54-68 d.C.) à cidade de Atenas, por volta de 67/68 d.C., na ocasião dos Jogos Olímpicos realizados na Grécia. Nero é acompanhado por um séquito de cortesãos e importantes figuras aristocráticas do centro do Império, como o futuro imperador Vespasiano (69-79 d.C.). Acredita-se que foi através de Amônio que Plutarco herdou a proximidade filosófica com Platão, tão referenciado em sua extensa obra (Silva, 2012, p. 4). Porém, não foram apenas essas influências percebidas nos escritos de Plutarco. A filosofia de Aristóteles, dos peripatéticos e dos estoicos também é notada nos escritos plutarquianos.

Voltando ao período de Plutarco, em Atenas, seu mestre, Amônio, gozava de grande privilégio e influência na Academia platônica. Tal destaque o levou, possivelmente, a ter contato com o imperador e com seus numerosos acompanhantes romanos. A presença do imperador em Atenas teria sido muito benéfica tanto para o professor quanto para o aluno. Silva (2012, p. 16), seguindo os estudos da historiadora Bernadette Puech (1992), nos conta que Amônio de Lâmprias recebeu a cidadania romana com a intervenção de *Mestrius Annius Afrinus*. Este teria acompanhado Nero a Atenas (Stadter, 2014, p. 9) e, possivelmente, ali teria organizado a benfeitoria da cidadania a seu amigo, passando a ser nomeado *Mestrius Annius*.⁹ Plutarco, presumivelmente, pega carona com seu tutor e conhece algumas dessas pessoas ilustres. Segundo Stadter (2014, p. 9), foi ali que deu início a sua carreira política. A partir disso, o queronês parte em várias viagens pelo Mediterrâneo, passando pela Ásia Menor, Alexandria e, não menos importante, por Roma.

Plutarco, como fazia desde sua juventude, flutuou entre diversos círculos das elites, sempre desempenhando o papel de filósofo para com aqueles que teve a chance de formar laços de amizade (*amicitia*). Com isso, nosso autor acessou núcleos compostos pela mais alta aristocracia romana, parecida com aquela que ele teve contato em Atenas, com a presença, por exemplo, de senadores e, quiçá, da própria casa imperial. Seria ainda na Grécia, ou talvez em Alexandria, já durante o período das viagens supracitadas, que Plutarco conheceria um de seus mais importantes amigos, *Lucius Mestrius Florus* (Stadter, 2014, p. 14). Este, por sua vez, era senador romano e amigo próximo do imperador

⁷ As informações sobre Amônio são escassas, pois apenas Plutarco, na obra *Moralia*, se refere a ele. Seria originário do Egito e teria vindo para Atenas, onde acabaria por morrer. Foi, portanto, um filósofo egípcio vinculado à Academia de Platão e comandante hoplita (Contador, 2018, p. 41). Para outras informações de Amônio, vide Jones (1967, p. 205-213).

⁸ Em *Do E de Delfos*, Plutarco rende homenagem ao amigo Serapião e outros amigos atenienses ao oferecer-lhes o tratado, no qual discorre sobre o significado do "E" posto na entrada do santuário (Silva, 2012, p. 8).

⁹ Atitude essa imitada por Plutarco, como explanaremos a seguir.

Vespasiano. *Florus* atuou como amigo e protetor de Plutarco. Foi através da influência deste amigo que Plutarco conseguiu a cidadania romana e, em homenagem a *Florus*, adotou os dois primeiros nomes deste. Com isso Plutarco deixa de ser apenas um pequeno estudante para se tornar um membro da ordem equestre e passa a acompanhar seu benfeitor em excursões diplomáticas, fundamentais para que ele se aproximasse ainda mais de membros da alta aristocracia imperial (Biazotto, 2016, p. 154).¹⁰

A associação com *Florus*, portanto, foi um verdadeiro divisor de águas na vida de Plutarco e o possibilitou entrar em contato com outros senadores, ganhando, assim, contato, mesmo que indireto, com o imperador (Stadter, 2014, p. 14). As amizades são um ponto essencial para compreendermos a trajetória política de Plutarco e as razões da escrita de seus livros.

No que concerne ao seu grande número de obras, só nos cabe concordar com o historiador Thiago Biazotto (2016, p. 155), quando afirma que a proficiência literária de Plutarco não encontraria algum par na Antiguidade por conta do material que temos disponível nos dias de hoje. Sabe-se que seria um dos filhos de Plutarco o responsável por ter organizado o *Catálogo de Lâmprias*, no qual são atribuídas ao autor ao menos 227 obras, das quais 130, infelizmente, não chegaram até nós (Biazotto, 2016, p. 155). O que nos resta foi dividido e organizado em dois grandes grupos: as *Obras morais e de costumes* e as *Vidas Paralelas*.

As primeiras, as *Obras morais e de costumes*, ou simplesmente *Moralia*, podem ser definidas como uma coletânea de “trabalhos escritos em diversos gêneros (ensaios, diálogos, conversas familiares, cartas) e versam sobre os mais variados temas como: filosofia, política, ética, amor, amizade, educação, religião, entre outros” (Contador, 2018, p. 43-44). Já as *Vidas* são uma série de relatos nos quais são descritos “em números pares a vida de um grego ilustre e a vida de um romano ilustre, cuja carreira apresenta alguns pontos semelhantes com a do primeiro, acrescentando ao final uma breve comparação entre os dois” (Harvey, 1998, p. 404). Estima-se que tenham sido escritos 50 pares de vidas, das quais apenas 23 chegaram até nós, sem mencionar aquelas que chegaram sem a breve comparação (em grego: *sýnkrisis*; em latim: *comparatio*)¹¹ no final, como é o caso das *Vidas de Alexandre e César* ou, ainda, sem um par, como é o caso das *Vidas de Galba e de Oto* (Pinheiro, 2013, p. 19).

De ambas, ou seja, tanto de *Moralia* como das *Vidas paralelas*, tanto para este artigo quanto para nossas pesquisas que resultaram em nossa dissertação de mestrado,

¹⁰ Um exemplo disso está na *Vida de Oto* (Stadter, 2014, p. 14).

¹¹ A *sýnkrisis* não é uma técnica retórica exclusiva das *Vidas*, pois em *Moralia* podemos encontrá-la em vários tratados (Contador, 2018, p. 47).

utilizamos partes de cada obra, em especial as partes em que Alexandre é trabalhado pelo querônês. Portanto, de *Moralia* foi extraído o ensaio *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, já das *Vidas* foi extraída a *Vida de Alexandre*, essa escrita em conjunto com a *Vida de César*.

Sobre o Alexandre de Plutarco, fazemos nossas as palavras do historiador Biazotto (2016) que, ao iniciar um capítulo de sua dissertação de mestrado, o define como “mestre dos desejos, escravo dos impulsos”. Assim, para o historiador supracitado, “o semblante de Alexandre oferecido por Plutarco é variado, difuso, por vezes ambíguo e transitando entre triunfos e vicissitudes” (Biazotto, 2016, p. 162). Porém, devemos observar que, apesar de trazer um elemento muito mais crítico nas suas *Vidas*, em especial mais na *Vida de Alexandre* do que na obra *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, a escrita de Plutarco tem um tom em geral bastante positivo, é muito branda e até mesmo compreensiva com os citados impulsos do macedônio.

Cabe lembrar que, em suas obras, assim como um pintor de um quadro biográfico (Plut., *Vit., Alex.*, II, 3), o querônês faz recortes da realidade e, desses recortes, escolhe os mais significativos, definidos por ele como aqueles “sinais reveladores da alma” (Plut., *Vit., Alex.*, III). No seu discurso *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, Plutarco produz desse rei um:

[...] desenho seletivo, como faz o escultor que da sua obra seleciona as melhores peças para uma exposição e, com muita cautela e critério, separa as que possuam menos imperfeições, aplicando nelas um polimento, para que se lhes acentue o brilho e diminuam as impurezas (Liparotti, 2017, p. 31).

A noção de um rei virtuoso é evidente, pois, ao compararmos o discurso *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, com a biografia *Vida de Alexandre*, notamos a inclusão de outros episódios menos louváveis que, talvez, sejam intencionalmente ocultados no texto anterior.¹² Em resumo, segundo Vanessa Ziegler (2009, p. 108), com quem concordamos, nos discursos de Plutarco, Alexandre é desenhado como sábio e filósofo; um rei idealizado e excepcional por ter espalhado por onde passou a “civilização”.¹³ Já na biografia, o Alexandre de Plutarco é retratado como um personagem ambíguo,

¹² Vale destacar que não se tem uma cronologia definitiva para as obras de Plutarco. Segundo François Hartog (2004, p. 258), a obra *Sobre a 'Fortuna' ou 'Virtude' de Alexandre Magno* teria sido escrita anteriormente à *Vida de Alexandre*, visto que a segunda teria um retrato mais intrigado e sofisticado, ao contrário dos entusiasmos tidos como juvenis no tratado moral, cheio de elogios ao rei macedônio, percebido na primeira obra (Biazotto, 2016, p. 156).

¹³ Ziegler (2009) usa o termo “civilização” como sinônimo de difusão dos moldes educacionais e comportamentais greco-romanos, seguindo uma série de estudiosos que fazem a mesma coisa. No entanto, optamos por não usar esse termo neste capítulo ou, quando usar, colocar entre aspas, uma vez que é um conceito moderno que traz valores da Modernidade, ainda que venha do termo latino *civitas*, que significa a extensão da cidadania romana no Império e, consequentemente, traz a ideia de uma expansão de moldes educacionais e comportamentais greco-romanos.

apresentando muitas facetas, aproximando-se muito de um “homem real, dividido entre o bem e o mal, entre a razão e a paixão” (Ziegler, 2009, p. 108).

Colocado como aquele que modificou os costumes, “civilizou” os bárbaros, nas palavras de Biazotto (2016, p. 162), mas que, à medida que adentrava pelo continente asiático, aproximava-se de elementos bárbaros, o Alexandre de Plutarco aparece ora como um filósofo, ora encantado com o luxo oriental, inclinando-se para o primeiro (Ziegler, 2009, p. 107). Porém, é com destaques em suas virtudes, tidas por Plutarco como ideais de um bom governante, que iniciaremos a discorrer, ressaltando, em primeiro lugar, a educação recebida pelo macedônio.

Segundo Plutarco, somente com o auxílio da *paideia* (παιδεία, educação), as virtudes (ἀρετή – *areté*) poderiam ser cultivadas e o bom governante estaria assegurado. Percebemos essa preocupação de Plutarco com a educação de Alexandre muito antes de trabalhar suas virtudes, quando o escritor faz questão de nomear todos os tutores responsáveis pela educação do futuro monarca. Os primeiros teriam sido Leônidas, parente de Olímpia, e Lisímaco, indivíduo oriundo da Acarnânia e que se auto intitulava Fênix, em alusão ao mestre de Aquiles (Plut., *Vit., Alex.*, V, 5). Ambos são sucedidos por Aristóteles.

Conforme Plutarco (*Vit., Alex.*, VII, 1-2), antes da chegada de Aristóteles, a natureza de Alexandre era tida como rústica e muito intempestiva, tal qual o comportamento de seu pai, Filipe II. Seja pelas preocupações políticas, seja pelas expansionistas ou culturais, fato é que o convite, ou melhor, a coerção¹⁴ da vinda de Aristóteles para a corte macedônia se baseava na tentativa de dar a Alexandre uma educação helênica. Plutarco (*Vit., Alex.*, VIII) nos conta ainda que Alexandre se dedicou ao estudo da moral, da política e das ciências profundas e secretas (aqui entendidas como práticas de cura):

Parece-me que foi também ele, Aristóteles, mais do que nenhum outro, que fixou em Alexandre a afeição pela medicina. E não só o interessava a teoria, como também atendia aos seus amigos enfermos e prescrevia tratamentos e regimes, como pode-se perceber em sua correspondência.

É durante a sua infância e, portanto, ainda sob os ensinamentos de Aristóteles, que Alexandre começa a dar seus primeiros sinais de um amplo desejo por conhecimento e curiosidade. O episódio que relata essa situação é a emblemática visita de uma comitiva persa que chega à Macedônia na ausência de Filipe II. Durante o banquete, a comitiva fica espantada com as perguntas do jovem príncipe, que se preocupa em entender as histórias

¹⁴ Filipe II teria prometido a Aristóteles a reconstrução de sua cidade natal, Estagira, destruída por ele mesmo no passado, em troca da oferta de formação ao jovem príncipe (Ziegler, 2009, p. 112-113).

e a geografia do Império Persa muito mais do que com banalidades e infantilidades que seriam esperada de um jovem de sua idade.

Estando ausente Filipe chegaram embaixadores do rei da Pérsia; Alexandre os acolheu, fez amizade com eles e em certo momento os subjogou por sua bondade e, por não fazer nenhuma pergunta infantil ou sem sentido – ao contrário, se informava do comprimento e dos caminhos e da forma de viajar que faziam no interior da Ásia, assim como dos comportamentos guerreiros e de seu rei, e da coragem e força dos persas – que os embaixadores ficaram surpresos e sentiram que a tão célebre habilidade de Filipe não valia nada comparada ao brilho e grandeza de visão de seu filho (Plut., *Vit., Alex.*, V, 1-3).

A partir dos exemplos acima, em nossa visão, ficam como desfecho as demonstrações de astúcia, coragem e destreza que Alexandre, provavelmente, teria herdado de sua ascendência nobre, demonstradas ainda na infância, durante a lapidação por meio da paideia grega recebida de Aristóteles. Ziegler (2009, p. 113) aponta que talvez a “culpa” do apreço pela filosofia, por parte de Alexandre, tenha sido de Aristóteles. Devemos considerar, então, que, para o pensamento de Plutarco, aprender e praticar a filosofia tinha um enorme papel sobre o comportamento do governante.

Influenciado por Platão, Plutarco acredita em outro de seus escritos chamado *Maxime cum principibus philosopho esse disserendum*,¹⁵ que ser filósofo é ser capaz de entender as necessidades da comunidade sem requerer para si fama, dinheiro ou poder, como já observou Ziegler (2009, p. 113), a partir da análise do trecho 776b da obra *Maxime cum principibus philosopho esse disserendum*. Assim, o filósofo, para o querônês, deveria estar sempre associado ao governante, o instruindo em suas virtudes e comportamentos que garantiriam não só um bom e legítimo governante, mas também o bem-estar entre o governante e os governados.

Plutarco enfatiza o papel do filósofo e da filosofia para o governante ao longo de sua narrativa, em especial na *Vida de Alexandre*. Se, no começo da biografia, Plutarco apresenta um Alexandre rústico e teimoso, no final o retoma dentro dessas características ao apresentá-lo longe da influência de filósofos e da filosofia como um todo, cercado por aduladores e pelo luxo oriental. Entretanto, na maior parte do tempo, Alexandre é colocado sob a máscara do “rei-filósofo” (Biazotto, 2016, p. 163). Alexandre foi, segundo

¹⁵ Esse tratado, cujo nome pode ser traduzido para o português como “Sobre a necessidade de que o filósofo converse especialmente com os governantes”, é um dos trabalhos de Plutarco que, segundo Pinheiro (2013, p. 281), não constam no Catálogo de Lâmprias e que, de forma geral, se propõe a desenvolver uma ideia central do pensamento plutarquiano sobre a simbiose entre *paideia* e *politeia*, em que o filósofo deve estabelecer relações, de forma moderada, com aqueles que governam, para lhes transmitir os verdadeiros valores, de modo que a ação política tenha por fim o bem de todos os cidadãos.

Plutarco (*Vit., Alex., VIII, 2*), educado para tal empreitada, preparado por uma educação aos moldes gregos e acompanhado pela literatura homérica ao longo de sua expedição.

Esta preparação fica nítida nos momentos em que Alexandre se encontra com outros filósofos ao longo de sua expedição. Do conhecido Diógenes aos gimnosofistas brâmanes, "Alexandre mostra interesse em ouvir as doutrinas filosóficas dos que estão em seu caminho e irá confabular com eles em pé de igualdade" (Biazotto, 2016, p. 163). No encontro com Diógenes, é evidente o apreço e a importância que Alexandre daria, segundo Plutarco (*Vit., Alex., XIII, 3*), à filosofia:

Enquanto muitos políticos e filósofos se aproximavam dele para parabenizá-lo, Alexandre confiava que Diógenes de Sinope, que então estava em Corinto, faria o mesmo. Mas como ele não se importava nem um pouco com Alexandre, este foi pessoalmente visitá-lo, encontrando-o deitado ao sol. Diógenes sentou-se um pouco diante de uma avalanche de homens quando ele estava vindo em sua direção e encarou Alexandre; Ele o cumprimentou e perguntou se ele precisava de alguma coisa. "Afasto-me um pouco do sol", disse ele. Dizem que diante de tal resposta e sinais de desdém, Alexandre era tão admirado pela arrogância e grandeza desse homem que, quando voltou, sua família riu e zombou do filósofo, ele disse: "Bem, pelo que ele faz comigo, se não era Alexandre, de bom grado seria Diógenes".

Nessa passagem também fica compreendido, simbolicamente, que existe um problema na vida de Alexandre, pois este quer ocupar dois postos tidos como antagônicos: "um rei que ambiciona conquistar o Oriente e um filósofo cuja aspiração se resumia a gozar dos raios do sol" (Liparotti, 2017, p. 44). No entanto, por ser seguidor de Platão, para Plutarco, estas trajetórias não se antagonizavam, pelo contrário, elas se encontravam na formação de um rei filósofo (Liparotti, 2017, p. 45).

Plutarco considera Alexandre um filósofo que não fica apenas na teoria, mas parte para a prática, ou melhor, opta por uma filosofia prática:

Se não fosse Alexandre, seria Diógenes, isto é, se não tivesse em mente unificar os bárbaros com os helenos e, percorrendo todo o continente, não pensasse em civilizá-los, se investigando os confins da terra e do mar, não tencionasse estender as fronteiras da Macedônia até o oceano, se não objetivasse difundir a Grécia no mundo e disseminar em todas as nações a justiça e a paz, não me sentaria num trono inútil de luxo, mas imitaria a frugalidade de Diógenes (Plut., *De Fortuna Alexandri*, 332b).

Muito mais do que escrever tratados filosóficos, é na prática que Alexandre mostra a filosofia. Muito mais do que ensinando em escolas ou Academias, é agindo que ele ensina:

Nem estes filósofos se ocupavam de guerras de tal dimensão, nem iam pela terra a civilizar chefes bárbaros, nem a fundar cidades helenas entre populações selvagens, nem a ensinar a lei e a paz a tribos desregradas e ignorantes; pois

apesar de tempo livre, deixaram aos sofistas a missão de escrever. De onde lhes vem então o reconhecimento como filósofo? A partir daquilo que disseram ou a partir do modo de vida que praticaram ou a partir daquilo que ensinaram. Sob esses critérios, portanto, há de se julgar também Alexandre: a partir do que disse, do que fez, do que ensinou é que ele pode ser considerado um filósofo (Plut., *De Alex. fortuna*, 328b).

Para Plutarco, a maior virtude de Alexandre era a filosofia e dela derivava sua generosidade, sua bravura e, principalmente, o controle de si (Ziegler, 2009, p. 116), qualidades que o autor acredita serem essenciais na formação de Alexandre, representante do governante justo. É como um filósofo que ele teria agido em todas as suas ações, e Plutarco faz uma lista delas. Comparando com a anedota da prisão do rei de Paurava, um território além do rio Hydaspes, Alexandre teria perguntado ao prisioneiro como ele deveria ser tratado: “– Como rei, ó Alexandre.”, teria sido sua resposta. “– E o que mais?”, Alexandre insistiria, “–Nada, porque tudo já está contido na expressão ‘como um rei’.” (Plut., *De Alex. fortuna*, 332e). Ao relatar isso, Plutarco (*De Alex. fortuna*, 332e) compreende que a resposta de Alexandre a essa mesma pergunta teria sido “– como um filósofo”.

Quando se apaixonou por Roxana, a filha de Oxiartes, enquanto essa entre as cativas dançava, não a violou, mas a desposou: como um filósofo. Quando viu Dario transpassado por um dardo, não realizou sacrifícios nem cantou o hino da vitória para indicar que uma longa guerra tinha acabado; despiu o próprio manto e lançou-o sobre o corpo como se escondesse a retribuição divina que espera cada um dos reis. Como um filósofo (Plut., *De Alex. fortuna*, 332e-f).

A partir disso, percebemos o papel da *areté* como ponto chave nos escritos plutarquianos sobre Alexandre. A *areté* era um elemento ligado à aristocracia educada e funcionava como uma passagem para a vida pública de sucesso (Ziegler, 2009, p. 111). O termo *areté*, de forma geral, se refere às qualidades ou méritos de algo ou alguém e a tradução mais comum é dada através da ideia de virtude. Porém, muito diferente do que entendemos nos dias de hoje como virtude, moldados a partir de uma concepção judaico-cristã ocidental, o termo *areté* não carrega consigo nenhuma compactação moral. Resume-se, portanto, ao entendimento de que aquele que possui a *areté* é um homem portador da coragem, bravura e força, mas acima de tudo, significa “excelência, excelência de corpo, excelência de alma” (Ziegler, 2009, p. 70-71).

Com isso, entendemos que, para Plutarco, o sucesso de Alexandre e seu prestígio foram alcançados por meio da excelência, herdada não pela sorte (Τύχη - *Tyché*), mas construída pelos valores e educação adquiridos. Mesmo nas situações ruins e nos caprichos da Fortuna, a “violência da guerra e o prevalecer da força” revelam, em Alexandre, a sua “grande coragem unida à justiça”, em que a “notável temperança e a serenidade,

acompanhadas de disciplina e inteligência”, mostrariam alguém que “com julgamento sóbrio e sensato praticou cada ação” (Plut., *De Alex. Fortuna*, 332c).

Alexandre nunca contou com a sorte, entendida nos escritos plutarquianos como a deusa romana Fortuna. Em especial, a obra *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno* vem quebrar esse discurso conhecido como “Discurso da Fortuna” (Liparotti, 2017, p. 13). Existia uma balança, em que um grupo de autores como Quinto Cúrcio Rufo, por exemplo, que “ao serem avessos aos exemplos de autoritarismo baseados nas atribuições individuais e benéficas exclusivas aos reis”, tendiam em por “a responsabilidade dos feitos humanos sobre a Fortuna, uma divindade, os diminuindo” (Liparotti, 2017, p. 12-13).

Tal visão é entendida por Renan Marques Liparotti (2017) como uma corrente depreciativa que Plutarco, por meio desse discurso, tenta não seguir. A resposta de Plutarco a essa tendência é realizada listando uma série de momentos nos quais o rei macedônio é atingido por flechas e golpes que lhe deixam marcas, feridas, cicatrizes. Para Plutarco, essas listas de feridas são a prova de que a Fortuna, por inúmeras vezes, se colocou contra as ações do macedônio, que só a venceu por seus próprios méritos e virtudes, contidos na educação e na filosofia que recebera. A filosofia, portanto, fornecida por Aristóteles e ampliada pelo próprio Alexandre ao longo de sua carreira militar, é o que o equipou com as qualidades necessárias para conquistar e para governar. “A filosofia o provê de grandeza de alma, uma inteligência apurada, autocontrole e coragem viril” (Plut., *De Alex. fortuna*, 342a-b).

Discorreremos agora sobre as qualidades e virtudes ideais e positivas apresentadas por Alexandre no trato com seus amigos, soldados, inimigos e família antes de, rapidamente, apresentarmos o seu outro lado que, também, em certa medida, deveria servir de exemplo ao leitor. Alexandre, quase sempre, é mostrado como aquele soberano que governa a si e aos outros com decisões certas, porque amparadas em princípios filosóficos e pela boa oralidade (Biazotto, 2016, p. 163). Formado nos elementos da paideia helênica, Alexandre era educado, humano, generoso e possuía a moderação correta tanto nas relações amorosas quanto nos prazeres da comensalidade, além de sempre estar disposto. Ele era “um tipo de rei-soldado adicionado ao arquétipo de rei-filósofo” (Ziegler, 2009, p. 130).

Diante de tantas características positivas e de toda uma construção que engrandece o macedônio, fica até difícil entender como ele acaba sendo mostrado com elementos negativos a partir da morte do rei persa Dario, em especial na *Vida de Alexandre*. Sobre isso, Ziegler (2009, p. 130) observa que, na primeira parte da biografia, Alexandre aparece muito próximo do ideal grego, já na segunda parte, sua aproximação com o rei e com a cultura persa são elementos centrais. Concordando com Ziegler, Biazotto (2016) percebe que a aproximação com os persas exacerba o lado passional e de difícil trato de Alexandre,

“mostrando que apesar dos ensinamentos aristotélicos e de toda a educação aos moldes gregos, a sua natureza não foi suficientemente trabalhada e, portanto, sucumbiu aos excessos” (Ziegler, 2009, p. 130).

No entanto, observamos que Plutarco não afirma de forma direta que as mudanças de comportamento de Alexandre se dão a partir de seu contato com os persas. Porém, há uma mudança de narrativa sobre o rei macedônio percebida no momento desse contato e no que segue. Dois importantes elementos que deixam claro para nós essa mudança de narrativa são a adoção dos costumes persas e o excesso de bebida, que são também seguidos de episódios de violência e de morte. Além da língua grega e dos costumes, nos parece que outro elemento importante de diferenciação entre os helenos e aqueles que eles consideravam bárbaros era a vestimenta. Alexandre adota as vestimentas persas pela primeira vez na região da Pártia, onde buscavam descanso: “de lá, ele se retirou na direção da terra dos partos, onde, adiando por um tempo, vestiu pela primeira vez a roupa bárbara, talvez por querer acomodar-se aos costumes vernaculares” (Plut., *Vit. Alex.*, XLV, 2).

Adotar as vestimentas persas, ou o modo de vida bárbaro, é contrário ao estilo educado, moderado, livre e repleto de virtudes característico dos helenos.¹⁶ Se antes Alexandre criticava seus amigos e companheiros por levarem uma vida de luxos e moleza, no final da biografia Plutarco pontua que os macedônios passaram a adotar o modo de vida dos bárbaros (Plut., *Vit. Alex.*, XXIV, 2) e, mais à frente, passa a nomear personagens que se regozijavam num modo de vida extremamente suntuoso. Um exemplo disso é o comportamento de Hagnon de Teos, que desfilava com pregos de prata em suas sandálias, e Leonato, que só se exercitava em caixas com areia importada do Egito (Plut., *Vit. Alex.*, XL, 1).

Fato é que, se os outros companheiros de Alexandre sucumbiram aos vícios, Alexandre foi poupado de críticas mais severas, pois, como observa Biazotto (2016, p. 167), para Plutarco:

O traje bárbaro vergado por ele torna-se, a um só tempo, dupla matéria de poder; por um lado, revela mais uma forma de exercício de comando utilizado pelo rei; por outro, revela como o outro, o bárbaro é enganado por qualquer artimanha de controle, por qualquer instrumento de comando.

Um tom mais brando sobre a questão da vestimenta, mostrando Alexandre não adotando roupas dos medos, tidas como super luxuosas, e se negando a usar vários utensílios como diadema, joias, calça, etc., mesmo sem explicar as razões, pode ser lido nessa passagem:

¹⁶ Acreditamos que a ligação com as vestimentas persas e o modo de vida bárbaro tem relação direta com o feminino, porém essa não é uma questão explorada a fundo neste artigo, mas sim em nossa dissertação.

[...] não adotou a vestimenta dos medos, que era totalmente bárbara e de natureza alóctone, tampouco adotou as calças, nem o vestuário superior com mangas, nem a tiara, idealizando um modelo entremeado entre os persas e dos medos, não tão soberbo quanto os últimos, mas mais majestoso do que os primeiros (Plut., *Vit. Alex.*, XLV, 3).

Percebemos, portanto, um Plutarco muito mais interessado em listar o que Alexandre não usava das vestimentas persas e medas do que aqueles utensílios que ele genuinamente teria adotado. Claramente, para Plutarco o propósito da adoção das vestimentas persas era facilitar a adesão dos povos bárbaros ao comando de Alexandre e, com isso, submetê-los às leis que agora o macedônio trazia consigo. Se esse era mesmo o intuito de Alexandre, nos escritos de Plutarco ele foi bem-sucedido. Aqui podemos também perceber um diálogo com elementos contemporâneos de Plutarco em sua escrita, pois, como sabemos, o imperador Trajano realizou campanhas contra os partos a partir do ano de 113 d.C. Estes últimos ocupavam as terras que eram do Império Persa e se configuravam como o “grande outro” em relação a Império Romano sob o governo de Trajano. Com as conquistas da Mesopotâmia por parte de Trajano, talvez Plutarco aqui estivesse formulando estratégias de comando frente a esses bárbaros a partir dos exemplos de Alexandre.

Percebemos, ainda, tons mais brandos na narrativa de Plutarco em outros momentos ligados a relatos de punições e violência realizados por Alexandre ainda na Pérsia, nos anos mais próximos de sua morte. Acreditamos que, mesmo os relatando, Plutarco tenta blindar Alexandre de uma possível imagem negativa que poderia surgir em tais relatos. Peguemos como exemplo o caso de Calístenes.

Calístenes de Olinto, parente de Aristóteles, foi um dos que acompanharam Alexandre na condição de historiador oficial. Sua obra *Os feitos de Alexandre*, que cobria as campanhas do macedônio até o ano de 330 a.C., pode ser considerada uma das primeiras obras tidas como histórica sobre Alexandre. Plutarco nos relata que, um pouco antes de suas travessias pela Índia (Plut., *Vit. Alex.*, LVII), Calístenes desafiaria Alexandre durante um banquete entre os íntimos do rei, frente a uma prática que o rei macedônio tentava impor aos demais de seus seguidores: a prática da προσκυνεσις – *proskynesis*:

[...] rejeitando vigorosamente e filosoficamente a prostração e dizendo abertamente, por conta própria, aquilo que secretamente ultrajou os melhores e mais abastados macedônios, ele salvou os gregos de uma grande desgraça – e mais ainda de Alexandre, afastando-o da ideia de prostração – mas ele buscou sua própria ruína, pois, com sua atitude, ele parece ter forçado o rei, em vez de convencê-lo. E Cares de Mileto conta que, após um banquete, Alexandre, depois de beber, ofereceu o copo a um de seus amigos; ele pegou, levantou-se olhando para a lareira, bebeu, prostrou-se diante de Alexandre, depois o beijou e recostou-se em seu lugar. Todos os convidados, um após o outro, fizeram o mesmo, mas

Calístenes pegou o copo no momento em que o rei não estava prestando atenção nele, já que ele estava conversando com Heféstio; e quando Calístenes, depois de beber, estava prestes a beijar o rei, o apelidado Fidón Demétrio disse: “Meu senhor, não o beije, pois ele é o único que não se prostrou diante de você”. Então Alexandre se esquivou do beijo, e Calístenes disse erguendo muito a voz: “Bem, então, vou sair daqui com um beijo a menos” (Plut., *Vit. Alex.*, LIV, 1-4).

Como observa Ziegler (2009, p. 135), a prática da *proskynesis* foi mencionada em Heródoto (*Historiae*, I, 134) e trata-se de uma prática secular em que alguém de um *status* inferior se prostraria diante de uma pessoa superior na hierarquia, sendo um gesto de culto que era realizado para os deuses. Muito mais do que o ato de não se prostrar diante de Alexandre, este foi desafiado moral e filosoficamente por Calístenes. São percebidos também os adutores, na pessoa de Fidón Demétrio, que alertam Alexandre da “falta” cometida por seu companheiro, que desdenha deste último e que acredita poder contar com o melhor dos homens em Alexandre, fato que não se realiza. Apesar de a morte de Calístenes ter acontecido muito tempo depois desse ato, não sendo, assim, consequência direta do mesmo, a animosidade entre os dois se estendeu e é perceptível ao longo da narrativa de Plutarco.

Contudo, nada dura para sempre e Alexandre morre aos trinta e três anos de idade. Envenenado ou doente, as fontes debatem sobre esse fato, mas também não é nosso objetivo aqui discuti-lo. Nos é caro detalhar algumas considerações sobre esse Alexandre retratado por Plutarco. Primeiramente, então, cumpre dizer que, em nossa visão, Plutarco não menospreza ou retira o papel da educação em Alexandre. Na verdade, ela é ressaltada quando são apresentados os episódios negativos de Alexandre, pois se em um primeiro momento o seu imenso império, as suas inúmeras vitórias e a morte de Dario foram conquistados, não pela sorte, nem pela assistência divina de nenhum deus (aqui em especial a deusa Fortuna, com quem Plutarco dialoga em seus discursos), mas sim por suas virtudes e pela sua educação, então, ao se afastar desses elementos e deixar a natureza rústica e bárbara de sua herança macedônia (povo semibárbaro para os gregos) ou por simples encantamento pela cultura do outro, temos a causa de sua queda.

Percebemos que Alexandre, nem que seja por um período de sua trajetória, foi o melhor dos homens para Plutarco. Podemos perceber também que Alexandre é apresentado de uma forma dúbia nos textos do querônês, portando virtudes e defeitos, por mais que o objetivo maior fosse, como defendemos, que Alexandre servisse de *exemplum* de coisas positivas ao *optimus princeps* através dos escritos plutarquianos. As obras de Plutarco, dessa forma, por serem moralizantes, trazem o contraponto do que não deveria ser seguido. Porém, ainda assim, ao falar dos costumes persas adotados pelo macedônio, Plutarco os limita e dá a eles determinadas explicações, os amenizando. E

quando os erros e vícios do conquistador são relatados na biografia, Plutarco os faz de forma branda e servindo a um objetivo maior de construir um exemplo, propriamente.

Plutarco, com as obras alexandrinas em especial, busca através da inspiração, da imitação, dos *exempla* aos moldes ciceronianos, educar. Acreditamos, portanto, que o objetivo central dessas obras é a transmissão da *paideia* grega. Aquele que a possui ou a aprende, para Plutarco, receberia as qualidades necessárias para viver e liderar. Aquele, então, que possui educação – *paideia* – é possuidor das virtudes valorizadas pelo *mos maiorum* romano, como justiça, temperança, prudência e coragem (Stadter, 2014, p. 21). Seus comportamentos serão pautados também no autocontrole, na humanidade e na razoabilidade, ou seja, os moldes de educação grega se unem às virtudes, ritos e comportamentos romanos na busca pelo ideal do homem e do cidadão.

O queronês focou suas ações em um grupo específico. A política era um “papel” daqueles que possuíam uma excelência, uma *areté* (ἀρετή), e para Plutarco tal excelência se encontrava nos mais educados, na elite. A partir disso é que “Plutarco pensa a educação e a filosofia, como mediadores da virtude” e que “podem ser ensinadas aos governantes por meio das instruções filosóficas” (Ziegler, 2009, p. 63). É por isso que Plutarco escreve suas obras, ou melhor, desenvolve o que Geert Roskam (2002, p. 177) chama de “projeto de *paideia* geral”. Nele, Plutarco defende um projeto de educação moral do governante em forma de duplo sentido, ou seja, em um primeiro momento, ou primeiro lado, o filósofo deve conduzir o governante à virtude por meio da educação. O segundo momento, ou o outro lado, do projeto de Plutarco é que o imperador, estando “educado”, ele mesmo deve então educar seu próprio povo (Roskam, 2002, p. 177). Nesse sentido, pegando as obras plutarquianas *Vida de Alexandre* e *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, vemos os exemplos concretos ocupando um lugar muito importante na educação moral do governante. “Eles mostram a teoria posta em prática, incitam a imitação e a emulação e dão esperança que o objetivo final pode de fato ser alcançado” (Roskam, 2002, p. 181), sendo o alcance da virtude moral e da excelência de vida o objetivo.

Referências

Documentação textual

- HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 2001.
- LIVY. *History of Rome*. Translated by B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1919.

- PLUTARCH. *Lives Demosthenes and Cicero, Alexander and Caesar*. Translated by Bernadette Perin. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- PLUTARCH. On the Fortune or the virtue of Alexander. In: PLUTARCO. *Moralia*. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1936. v. IV.
- PLUTARCO. *A 'Fortuna' ou A 'Virtude' de Alexandre Magno*. Tradução, introdução e comentários de Renan Marques Liparotti. São Paulo: Annablume, 2017.
- PLUTARCO. Sobre la Fortuna o Virtud de Alejandro. In: PLUTARCO. *Obras Morales y de Costumbres V (Moralia)*. Introduction, traduction y notas por Mercedes López Salvá. Madrid: Gredos, 1989.
- PLUTARCO. *Vidas paralelas*. Introduction, traduction y notas por Jorge Bergua Gavero, Salvador Bueno Morillo e Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Gredos, 2007. v. VI.

Obras de apoio

- BECK, M. Introduction: Plutarch in Greece. In: BECK, M. (ed.). *A companion to Plutarch*. Wiley: Blackwell, 2014, p. 1-9.
- BIAZOTTO, T. do. *A. Sob o signo do Grande Rei: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- CONTADOR, A. L. "Irrepreensível Alexandre": um estudo da *týchê* de Alexandre em Plutarco (séculos I – II). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- HARTOG, F. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- JONES, C. P. *Plutarch and Rome*. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- JONES, C. P. The teacher of Plutarch. *Harvard Studies in Classical Philology*, n. 71, p. 205-213, 1967.
- JONES, C. P. Towards a chronology of Plutarch's works. *The Journal of Roman Studies*, v. 56, p. 61-74, 1966.
- LIPAROTTI, R. M. Introdução. In: PLUTARCO. *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução, introdução e comentários de Renan Marques Liparotti. São Paulo: Annablume, 2017, p. 9-57.

- MARTÍNEZ, A. B. C. *La imagen de Alejandro en Roma: desde los Escipiones a los Severos*. 2016. Tese (Doutorado em Pré-história e Arqueologia) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2016.
- MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- PAUSE, H. H. Alexandre, o Grande: uma historiografia sobre o 'Filho de Zeus'. In: SILVA, S. C.; VEIRA NETO, I. (org.). *Mitos, deuses e heróis: ensaios sobre a Antiguidade e Medieval*. Goiânia: Edições Tempestivas, 2019, p. 123-135.
- PINHEIRO, J. S. S. *Tempo e espaço da paideia nas 'Vidas' de Plutarco*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- ROSKAM, G. A Paideia for the ruler: Plutarch's dream of collaboration between philosopher and ruler. In: STADTER, P. A.; STOCKT, L. V. der. *Sage and Emperor: Plutarch, Greek intellectuals and Roman power in the time of Trajan (98-117 d.C.)*. Leuven: Leuven University, 2002, p. 175-182.
- SILVA, M. A. O. Plutarco e Delfos. *Praesentia*, n. 13, p. 1-16, 2012.
- SILVA, M. de. F. Registro e memória: Arriano e Plutarco sobre Alexandre. In: RAMOS, J. A.; RODRIGUES, N. S. (org.). *Mnemosyne kai Sophia*. Coimbra: CECH, 2018, p. 127-148.
- STADTER, P. A. Plutarch and Rome. In: MARCK, B. (ed.). *A companion to Plutarch*. Hoboken: Blackwell Publishing, 2014, p. 13-31.
- SWAIN, S. Hellenic culture and the Roman heroes of Plutarch. *The Journal of Hellenic Studies*. v. 110, p. 126-145, 1990.
- VIZENTINI, M. 'Espelhos contrapostos': Alexandre e o modelo de imperador romano. *Métis*, v. 8, n. 15, p. 157-166, 2009.
- VIZENTINI, M. Primeiras imagens de Alexandre, o Grande em Roma. XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019>. Acesso em 08 out. 2018.
- ZIEGLER, V. *Plutarco e a formação do governante ideal no Principado Romano: uma análise de biografia de Alexandre*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.